

## ALMADA NEGREIROS



Artista e escritor polifacetado, José de Almada-Negreiros nasceu a 7 de abril de 1893, em S. Tomé e Príncipe, e morreu a 15 de junho de 1970, em Lisboa.

"Pela sua obra plástica, que o classifica entre os primeiros valores da pintura moderna; pela sua obra literária, que vibra de uma igual e poderosa originalidade; pela sua ação pessoal através de artigos e conferências - Almada-Negreiros, pintor, desenhador, vitralista, poeta, romancista, ensaísta, crítico de arte, conferencista, dramaturgo, foi, pode dizer-se que desde 1910, uma das mais notáveis figuras da cultura portuguesa e uma das que mais decisivamente contribuíram para a criação, prestígio e triunfo de uma mentalidade moderna entre nós". Assim apresenta Jorge de Sena, no primeiro volume das *Líricas Portuguesas*, o homem que, com Fernando Pessoa e Mário de Sá-Carneiro, mais marcou plástica e literariamente a evolução da cultura contemporânea portuguesa

Órfão desde tenra idade, viajou para Lisboa com sete anos para casa de uma tia materna. Frequentou os estudos primários e liceais em Lisboa, no Colégio Jesuítico de Campolide, Liceu de Coimbra e Escola Nacional de Lisboa. Entre 1919 e 1920, seguiu estudos de pintura em Paris, aí trabalhando como bailarino de cabaré e empregado numa fábrica de velas, redigindo na capital francesa muitos dos textos e grafismos que viriam a ser célebres, como o "autorretrato". Viveu entre 1927 e 1932 em Espanha, onde realizou várias encomendas para particulares e públicos. Embora já tivesse colaborado com textos e grafismos em algumas publicações, como *Portugal Artístico* ou *Ilustração Portuguesa*, e tivesse participado com êxito no 1.º Salão do Grupo dos Humoristas Portugueses, é a sua colaboração no número 1 de *Orpheu*, em 1915, onde publica o texto ainda incompletamente revelador *Frizos (A Cena do Ódio)*, destinada a *Orpheu 3*, só viria a ser publicada em *Contemporânea*, que lhe dará a base de lançamento para uma postura iconoclasta (o *Manifesto Anti-Dantas*, apresentado no mesmo ano, é modelar neste ataque generalizado a uma intelectualidade convencional, burguesa e passadista), tornando-se um dos principais representantes da vertente vanguardista do movimento modernista. Em 1917, participa no projeto *Portugal Futurista*, publicando nesse órgão do "Comité Futurista de Lisboa", que co-fundara, no mesmo ano, com Santa-Rita, o *Ultimatum Futurista às Gerações Portuguesas do Século XX*, texto que já tinha sido objeto de *performance* pública, e os os textos simultaneístas *Mima Fatáxa* e *Saltimbancos*. Desenvolve paralelamente uma intensa atividade artística, tendo colaborado, com grafismos e com criação literária, em várias publicações, como *Diário de Lisboa*, *Athena*, *Presença*, *Revista Portuguesa*, *Cadernos de Poesia*, *Panorama*, *Atlântico*, *Seara Nova* e tendo fundado outras, como os "Cadernos de Almada-Negreiros", *SW*, onde, em 1935, no primeiro número, tenta equacionar, com o máximo de clareza, as relações entre civilização e cultura, entre arte e política, entre indivíduo e coletividade, aí vindo também a publicar um dos seus vários textos dramáticos, *SOS*, que, com *Deseja-se Mulher*, deveria integrar o projeto, originalmente escrito em castelhano, *Tragédia da Unidade*. Uma análise da obra de Almada-Negreiros não pode deixar de considerar a complementaridade que nela assumem as várias formas de expressão artística, nem de verificar que, independentemente do suporte escolhido (argumento e coreografia de bailados, exposições, *happening*, produções publicitárias, cinema, jornais manuscritos, telas, frescos, mosaicos, vitrais, painéis de azulejos, palestras radiofónicas, cenários e figurinos, cartões de tapeçaria, etc.), toda a realização artística de Almada se distingue por certos traços comuns, não necessariamente antitéticos, como a graciosidade e a irreverência, a ingenuidade e a inteligência, o populismo e o esteticismo, a abstração e o concreto. Na tentativa de encontrar a arte poética subjacente à sua atividade exclusivamente literária, Celina Silva considera que a "*performance* constitui o universal maior de toda a produção" de Almada-Negreiros: "evidenciando-se no literário através da adoção de uma conceção do verbal que é encarada enquanto ação", essa *performance* verbal que "tanto é típica da postura vanguardista quanto se revela reinstauração do verbal nos seus primórdios [...] implica um exercício da palavra-ação radicada numa postura geradora de uma ficção do eu", ao mesmo tempo que "A espontaneidade e o cunho comunicativo radicam numa ambição totalizante, eivada de otimismo e euforia, que, pela abrangência de que se reveste, aponta para um projeto de alargada receção, embora projetado por uma elite" (cf. SILVA, Celina - *A Busca de Uma Poética da Ingenuidade ou a (Re)Invenção da Utopia (Reflexão Sistematizante acerca da Produção Literária de José de Almada-Negreiros)*, Porto, Faculdade de Letras, 1992, pp. XIII, XIV). A "poética da ingenuidade" explanada por Celina Silva, anulando qualquer descontinuidade entre a forma linguística do poema, do drama, do texto de intervenção, e a expressão do ensaio, da teoria poética ou filosófica, encontraria numa "s sofistificação da simplicidade" (cf. Sena, Jorge de in *Obras Completas de Almada Negreiros*, vol. I, Lisboa, INCM, 1985, p. 17) o equilíbrio entre poesia e conhecimento, num autor para quem "A Poesia "conhece" e não "sabe" (*Prefácio ao Livro de Qualquer Poeta*).

### Cultura e Civilização

*Uma mesa cheia de feijões.  
O gesto de os juntar num montão  
único. E o gesto de os separar,  
um por um, do dito montão.*

*O primeiro gesto é bem mais  
simples e pede menos tempo que  
o segundo.*

*Se em vez da mesa fosse um  
território, em lugar de feijões  
estariam pessoas. Juntar todas  
as pessoas num montão único é  
trabalho menos complicado do  
que o de personalizar cada uma  
delas.*

*O primeiro gesto, o de reunir,  
aunar, tornar uno, todas as  
pessoas de um mesmo território  
é o processo da CIVILIZAÇÃO.*

*O segundo gesto, o de  
personalizar cada ser que  
pertence a uma civilização é o  
processo da CULTURA.*

*É mais difícil a passagem da  
civilização para a cultura do que  
a formação de civilização.*

*A civilização é um fenómeno  
colectivo.*

*A cultura é um fenómeno  
individual.*

*Não há cultura sem civilização,  
nem civilização que perdure sem  
cultura.*

Almada Negreiros, in "Ensaaios"



